



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS.
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA.

A INFÂNCIA NO ENREDO DA MÍDIA -
IMAGENS, CORPO E EDUCAÇÃO FÍSICA
ESCOLAR.

Nattacha Beatriz Parisi

Campinas 2003



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS.
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA.

A INFÂNCIA NO ENREDO DA MÍDIA - IMAGENS, CORPO E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.

Monografia apresentada como exigência
parcial para conclusão do curso de Educação
Física, modalidade licenciatura, orientada pela
prof.a Me Kátia Danailof.

Nattacha Beatriz Parisi
Campinas 2003

Orientadora: _____
Profª Me. Kátia Danailof.

Argüidor _____
Profª Drª Carmem Lúcia Soares.

Meu pai me ensinando coisas da vida me contou o que Chico Xavier disse:
“Embora ninguém possa voltar atrás e fazer um novo começo, qualquer
um pode começar agora e fazer um novo fim.”

E isto me serviu de lição.

Dedico este trabalho aos meus avôs Horance e Zoti.
Companheiros e amores eternos.
Sinto saudades...

ANTES DE QUALQUER COISA... QUERO AGRADECER.

Este trabalho tem muitas mãos, sei que lutei por ele, mas reconheço que não chegaria até aqui sozinha, nem gostaria. E é por isto que dedico esta página a agradecer as muitas pessoas que mesmo não fazendo parte direta deste trabalho ou da minha infância fazem parte do meu mundo e me ajudam a manter sonhos vivos.

Em primeiro lugar agradeço meus pais, Inês e Márcio, por serem as mais dedicadas pessoas que já pude conhecer e por ser ela uma mãe tão apaixonada e ter me dado apoio nos erros e acertos e ele por ser crítico o suficiente para não deixar que eu me acomodasse e ter me dado tanto amor. Obrigada, mesmo. Amo vocês demais.

Não me esqueço de toda a minha família. Especialmente meu avô, Horance Parisi, que fez parte da minha infância e que tristemente, nos deixou tão cedo. Sinto saudades. E também igualmente grata à simplicidade, beleza e apoio dos meus avós companheiros, Zoti, (falecido no início deste trabalho) de quem sinto uma dolorosa saudade e um respeito único e a Conceição, a mulher mais forte e compreensiva que já conheci. Não sei o que eu seria sem vocês.

Continuando... Meu sincero agradecimento e reconhecimento a minha grande companheira de aventuras, trabalhos e discussões Maira, que me ensinou tanto sobre amizade e companherismo e esteve sempre ao meu lado e a inseparável amiga Ana Elisa, que tanto me apóia. Valeu, amigas. É claro que não ia me esquecer dos meus maravilhosos irmãos Ulysses e Iccaro. O Uly por ter me agüentado tanto tempo e por dividir além da casa, a infância, os sonhos e as brigas... E o Iccão por ser o mais genial, organizado e responsável da família. Agradeço por existirem na minha vida.

Nunca poderia ter feito nada sem ter conhecido a turma 00D que foi onde conheci grandes amigos e que dividi tantos bons momentos Mi, Rafaelle kezinha, Juzona, Lu, Alan, Marcão, Kleber, Sílvia, Marina, Ananda, João Tiago Jundiaí, Chaber, Fernanda (eseu filhote Vitor)... e os veteranos Michel, Raquel, Diego, Faísca, Déia, Tocotó... e ao pessoal da terra natal, Mococa, Karina, Júlio e a turma em geral. Obrigada.

Aos professores por terem se dedicado a nos ensinar, em especial, Carminha, por sua competência e amor a profissão, Nana pelas lições e sorrisos, Gavião pelas divertidas aulas e doces, Adilson, pelo mistério e magia, ao Bramante professor apaixonado e apaixonante e a Kátia minha orientadora tão dedicada. Obrigada!

Enfim, posso ter cometido algum esquecimento, mas sem dúvida agradeço muito a todos que passaram pela minha vida e me ajudam a lutar pelos sonhos....

Resumo

A construção de uma idéia de infância nos dias de hoje encontra-se diretamente relacionada às condições culturais nas quais estamos inseridos. O corpo, para tanto, guarda as marcas deste tempo, tornando visível as formas de agir e de se comportar, os desejos e as necessidades que permeiam o universo infantil.

Percebemos então que, para conveniência de nossa atual formação cultural, visando produtos e lucros, a concepção de infância segue as linhas das exigências deste sistema, transformando a criança em um consumidor em potencial. Reforçando e reproduzindo tal ideologia, contamos com o encantador mecanismo desenvolvido pela tecnologia: a mídia.

Portanto, o presente estudo tem como objetivo refletir acerca das relações existentes entre a mídia e a Educação Física escolar a partir da exposição do corpo na sociedade. Para tanto, aliadas à pesquisa bibliográfica, serão analisadas imagens presentes nos meios de comunicação hoje acessíveis pelas crianças em idade escolar. São eles: revistas dirigidas ao público infantil e feminino, propagandas televisivas transmitidas nos horários dos programas infantis e sites da Internet que vendem produtos para crianças.

Abstract

The construction of an infancy idea nowadays is directly related to the cultural conditions in which we are inserted. The body keeps the marks of this time, showing up behaviors, desires and necessities that are parts of the infantile universe.

We perceive then that, for convenience of our current cultural formation, aiming at products and profits, the conception of infancy follows the lines of the requirements of this system, transforming the child into a potential consumer. Strengthening and reproducing such ideology, we count on the charming mechanism developed for the technology: the media. Therefore, the present study has as objective to reflect the existing relations between media and Physical Education from the exposition of the body in our society. Based on bibliographical research, images that are found in accessible medias for the children in pertaining to school age will be analyzed. These medias are: magazines directed to the infantile and feminine public, advertisements transmitted in the schedules of the infantile programs and sites of the internet that sell products for children.

Eu, etiqueta

Em minha calça está grudado um nome
Que não é meu de batismo ou de cartório,
Um nome...estranho.
Meu blusão traz lembrete de bebida
Que jamais pus na boca, nesta vida.
Em minha camiseta, a marca de cigarro
Que não fumo, até hoje não fumei.
Minhas meias falam de produto
Que nunca experimentei
Mas são comunicados aos meus pés.
Meu tênis é proclama colorido
De alguma coisa não provada
Por este provador de longa idade
Meu lenço, meu relógio, meu chaveiro,
Minha gravata e cinto e escova e pente,
Meu copo, minha xícara,
Minha toalha de banho e sabonete,
meu isso, meu aquilo,
desde a cabeça ao bico do sapato,
são mensagens,
letras falantes,
gritos visuais,
ordens de uso, abuso, reincidência,
costume, hábito, premência,
indispensabilidade,
e fazem de mim um homem-anúncio intinerante,
escravo da matéria anunciada.
Estou, estou na moda.
É doce estar na moda, ainda que a moda
Seja negar minha identidade,
trocá-la por mil, açambarcando
todas as marcas registradas,
todos os logotipos do mercado.
Com que inocência demito-me de ser
Eu que era antes e me sabia
Tão diverso de outros, tão mim mesmo,
Ser pensante, sentinte e solidário
Com outros seres diversos e conscientes
De sua humana, invencível condição.
Agora sou anúncio
Ora vulgar ao bizarro,
Em língua nacional ou em qualquer língua
(qualquer principalmente)
e nisto me comprazo, tiro glória
de minha anulação.
Não sou - vê lá - anúncio contratado.

Eu é que mimosamente pago
Para anunciar, para vender
Em bares festas praias pérgulas piscinas,
E bem à vista exibo esta etiqueta
Global no corpo que desiste
De ser veste e sandália de uma essência
Tão viva, independente,
Que moda ou suborno algum a compromete.
Onde terei jogado fora
Meu gosto e capacidade de escolher,
minhas idiossincrasias tão pessoais,
tão minhas que no rosto se espelhavam,
a cada gesto, cada olhar,
cada vinco da roupa
resumia uma estética?
Hoje sou costurado, sou tecido,
Sou gravado de forma universal,
Saio da estamperia, não de casa,
Da vitrina me tiram, recolocam,
Objeto pulsante mas objeto
Que se oferece como signo de outros
Objetos estáticos, tarifados.
Por me ostentar assim, tão orgulhoso
De ser não eu, mas artigo industrial,
Peço que meu nome retifiquem.
Já não me convém o título de homem.
Meu nome novo é coisa.
Eu sou coisa, coisamente.

Carlos Drummond de Andrade

E assim nasceu: José do Patrocínio...



www.jacobblue.cjb.net

Figura 1

SUMÁRIO:

Apresentação	12
Capítulo I – Imagens	14
Capítulo II – O In-fans	19
Capítulo III – O Olhar sobre o Corpo	24
Capítulo IV – Formas, Fórmulas e Educação Física Escolar	33
Considerações Finais	38
Lista de figuras	40
Bibliografia	42

Apresentação:

“Faltam as convergências
Do céu e da terra
Os orvalhos e estrelas
Entre o sonhar e o morrer”.
Cecília Meirelles

Sempre fui apaixonada pela infância.

Quando criança poucas foram as vezes que desejei crescer. As histórias ao pé da cama me cativavam e as brincadeiras nunca saíram da minha memória.

Meu pai incentivava minhas leituras e, ao me sugerir o livro “Meu pé de laranja lima” de José Mauro de Vasconcelos, encantei-me mais ainda. Quando o reli, mais tarde, percebi que o carinho pelas crianças não havia se apagado dentro de mim. Gostaria de retomá-lo de alguma maneira...

Nunca havia pensado em atuar diretamente nesta área, mas o tempo foi passando e mais opções tinham que ser feitas. Assim, acaso ou não, encontrei a Educação Física. Foi uma descoberta incrível para minha formação não só profissional como pessoal, já que, com ela, houve a possibilidade de me reencontrar com a infância, podendo estudá-la de maneira concreta e direta.

Durante o curso de Licenciatura em Educação Física (Fac. de Educação Física – UNICAMP) , minha vontade de trabalhar com a infância, a cada dia, tornava-se mais evidente e, talvez por isso, meu objetivo mostrava-se mais complexo e difícil. Relutei. A escolha não foi imediata, pois educar exige conhecimento, coragem, valentia, disposição para enfrentar fracassos, medos e receios. Um processo nem sempre tranqüilo ou confortável.

Novamente me vêm à mente o livro: “Meu pé de laranja Lima”. Leio:

“Hoje sou eu que tento distribuir as bolas e as figurinhas, porque a vida sem ternura não é lá grande coisa. Às vezes sou feliz na minha ternura, às vezes me engano o que é mais comum”.¹

¹ VASCONCELOS,

Foi então que me deixei levar... Aceitei o desafio e, neste momento, proponho-me a enfrentá-lo, convidando todos a participarem desta modesta tentativa de reencontro com a infância. Uma infância que se encontra materializada nos corpos das crianças que, a todo momento, participam do nosso cotidiano em forma de imagens.

Assim, partindo da curiosidade em compreender o universo infantil, buscamos entender a idéia de infância, presente nos dias de hoje, através de sua exposição constante nos meios de comunicação. Para tanto, aliada à pesquisa bibliográfica, utilizamos como fontes de pesquisa propagandas de televisão, de Internet e de revistas, visando refletir acerca das relações existentes entre a infância e a Educação Física escolar.

Seguindo tal perspectiva, discutiremos, por fim, as possíveis influências e conseqüências para a Educação Física escolar, propiciando um diálogo entre mídia e processos educativos, tendo como objetivo colaborar, embora de forma humilde, com os estudos sobre a infância em nossa área.

De certa forma, o sentido é de polemizar, para desconstruirmos verdades e reproduções sociais, realçando “um” possível olhar sobre a educação escolar e sobre a infância.

O convite está feito!

Capítulo I:

IMAGENS

Entre os desenhos da chuva e do cometa
exótico,
Há mil traços invisíveis, em todas as
direções
Numa prisão de retas e curvas nossos
olhos
terrenos, aves angustiadas,
encontram seus esconderijos e limites.
Todo ocupado, o espaço, com seus
secretos esquemas;
Infinitas leis em todos os rumos.
Do olhar à estrela, nada é simples, nada é
fácil.

Cecília Meireles



Figura 2



Figura 3



Figura 4



Figura 5

Figura 6



Figura 7



Figura 8



Figura 9



Figura 10



Figura 11



Figura 12

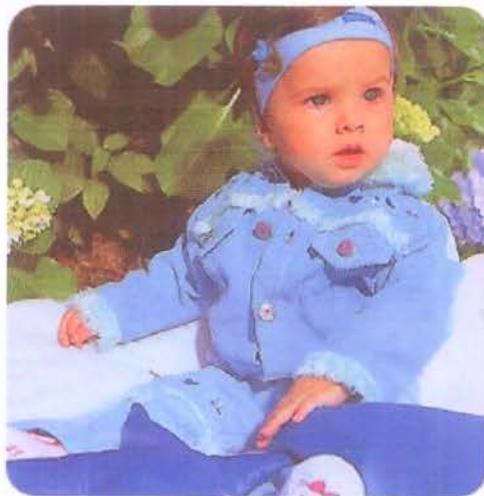


Figura 13

Capítulo II:

O IN-FANS.

“Elaborar uma imagem da criança é tomar partido sobre o que somos e não somos, sobre o que queremos ser e sobre o que não queremos ser, sobre o devemos tornar e o que devemos evitar... A imagem da criança é, assim, o reflexo do que o adulto e a sociedade pensam de si mesmos”.²

A palavra infância, em um primeiro momento, não nos remete a uma certa idade, trata-se de um período específico de nossas vidas pelo qual somos obrigados a passar. Os “infantes”, conforme explicita Gagnebin³, são aqueles seres humanos privados da fala, da linguagem articulada, ou seja, privados daquilo que é próprio do homem. A falta de lógica, de um pensamento “racional”, distancia as crianças da nossa “realidade”, ou seja, as distancia do mundo adulto.

Tal período pode ser pensado como de início da vida, precedente à fase adulta, portanto não limitado por idades. Trata-se do momento em que nos encontramos desprovidos da linguagem e da razão, que precisamos ser encaminhados no sentido de desenvolvê-la, já que é um meio de expressão próprio da espécie humana.⁴ Segundo Gagnebin, são seres

“privados de fala, isto é privados daquilo, que segundo toda tradição metafísica ocidental, é próprio do homem: a linguagem, portanto a razão, linguagem e razão que permitem a instituição de uma ordem política”.⁵

Desta maneira, a infância se torna o tempo da educação e da formação para um bom convívio social, considerando os “infantes” como seres que precisam entrar em contato com o conhecimento e com a experiência para que alcancem a desejada maturação, para que sigam regras de condutas socialmente aceitas.

² CHARLOT, 1976, P.108

³ GAGNEBIN, 1997, p. 172.

⁴ GAGNEBIN, 1997, P.172

Tanto a Psicologia Infantil quanto a Psicomotricidade, dentre outras áreas do conhecimento, realizaram inúmeros estudos à respeito do tempo relativo à infância, vinculados, então, ao desenvolvimento motor e cognitivo das crianças. Sob tal perspectiva, a criança, ao demonstrar que “começou a pensar” quando inicia uma comunicação verbal, penetra em um universo denominado de “o mundo da fantasia”, considerado extremamente diferente do mundo dos adultos⁶.

Alguns autores, conforme a síntese apresentada por Freire, entendem que as brincadeiras são uma simples deformação da realidade, enquanto outros apresentam a realidade *“como uma construção que vai sendo elaborada pouco a pouco por cada pessoa”*⁷, perspectiva esta que limita o entendimento da infância como um tempo em que *“não há o que deformar, simplesmente porque a realidade da criança ainda está sendo construída”*⁸.

Consideramos, contudo, que o problema se encontra no fato de a criança, partindo do pressuposto de que ela apresenta uma “cultura própria”, deformando, ou não, a realidade do adulto. O interessante é pensarmos em como a criança pode “criar livremente”, através de seu “mundo da imaginação”, se os seus referenciais não se encontram apenas na escola, ou pautada pela maturação biológica, mas também no seu dia-a-dia e no contato com outros seres humanos. Compreendemos com Charlot⁹ que tais pesquisas, limitando a infância à abordagem biológica, apresentam as fases da vida como algo natural, desconsiderando, por fim, a construção do conhecimento à partir das relações humanas.

Da mesma forma, no decorrer da pesquisa, percebemos que as imagens da infância difundidas atualmente não são “naturalmente” determinadas. Recorrendo à perspectiva histórica, tendo como base, em especial, os estudos de Bernard Charlot e Philippe Ariès, notamos que a realidade e a idéia de infância mudam seguindo os valores culturais de cada época e sociedade. Com isso, podemos afirmar que as representações da criança em imagens não expressavam, ou expressam, uma única idéia de infância.¹⁰

⁵ GAGENBIN, 1997, P.172

⁶ FREIRE, 2002, p. 37.

⁷ FREIRE, 2002, p. 43.

⁸ FREIRE, 2002, p. 43.

⁹ CHARLOT, 1976.

¹⁰ Segundo Bernard Charlot, no século XIII a criança é representada como um ser de origem divina, ou seja, aparece como menino Jesus ou anjos. Apenas encontramos pinturas com crianças consideradas “vivas” após o século XV e XVI. Então laicizada, a imagem da infância, no século XVII, passa a transmitir um certo sentimento de infância, apresentado uma sociedade que passa a se interessar pela criança. CHARLOT, 1976, p.

“Isso faz pensar também que no domínio da vida real, e não mais apenas no de uma transposição estética, a infância era um período de transição, logo ultrapassado, e cuja lembrança também era logo perdida”.¹¹

Cabe lembrar, ainda, que a concepção de infância é produto de sua relação com o adulto e com a sociedade em geral. Sendo assim, as imagens do “in-fans”, construídas historicamente, são concebidas a partir de sua significação social, possibilitando enxergá-la ao longo dos tempos em suas diferenciações, pois a criança, no decorrer da história, já foi rejeitada, ignorada, cultuada, vista como uma fase que passava despercebida ou considerada preparatória.

“A imagem da criança é, portanto, a imagem elaborada por um adulto e por uma sociedade que se projetam na criança, de uma criança que se procura identificar com o modelo criado por esta projeção. Compreende-se bem, portanto, que esta imagem evolua historicamente.”¹²

Pensando nas representações da infância em imagens, podemos notar que no início do século XIX, tanto na Europa como no Brasil, era evidente uma grande repercussão e difusão de imagens de crianças, remetendo o período da infância à uma fase de preparação para o futuro, no caso, da nação. Tomando como exemplo as propagandas francesas durante a Primeira Guerra Mundial (Figura 2), podemos notar que havia - o que podemos considerar - uma certa exploração da imagem da criança, sendo que, através dela, seria possível transmitir a idéia de “totalização” do conflito, o símbolo do superinvestimento das sociedades européias na guerra, pois a criança era considerada o germe desta inovação, ou ainda, a possibilidade de um futuro próspero.

Neste sentido, a infância pode ser considerada como o tempo em que percebemos a presença do presente, do passado e do futuro. Sob o olhar do adulto, a criança passa a ser a possibilidade de retorno ao passado, permitindo projeções de desejos e necessidades sobre o que gostariam de ser. Através da infância pode-se “fazer diferente” o que passou, podemos pensar sobre a possibilidade de nos refazer a cada dia.

¹¹ ARIÈS, 1976, P.52

¹² CHARLOT, 1976, P.109

Em outras palavras, a imagem da criança contempla tanto o passado “feliz” do adulto - ou aquele que o adulto lembra da forma como ele gostaria de ter vivido - projetando no “in-fans” um futuro “melhor” do que a sua experiência de vida lhe reservou. Ou seja, a criança, que na história sempre foi aquela preparada para se tornar um bom cidadão, é a imagem daquilo que homens e mulheres, pertencentes à instituições como família e escola, determinam ser o melhor para o seu futuro em sociedade.

“Neste sentido, a lembrança da infância não é idealização, mas sim, realização do possível esquecido ou recalcado. A experiência da infância é a experiência daquilo que poderia ter sido diferente, isto é, releitura crítica do presente da vida adulta.”¹³

Assim, através das mais diversas imagens de crianças presentes na mídia, podemos notar que há uma evidente exploração do trabalho infantil, seja de forma brutal e agressiva, quando retratado pelas pesadas funções que exercem no campo e nas regiões mais miseráveis (Figura 3,6,9 e 12), ou de maneira glamourizada, na participação de crianças em programas de televisão e propagandas.

Na maioria das vezes, as primeiras referências à exploração das crianças são impulsionados pela posição social desfavorável em que os pais se encontram, precisando exercer tais funções para ajudar no orçamento familiar. No mundo glamouroso, esta busca desenfreada para alcançar a fama e a visibilidade social é muitas vezes decorrente da postura de pais que anseiam pelo sucesso e enriquecimento do filho ‘prodígio’ que está na tevê.

Nos programas televisivos é comum a presença destas duas visões de infância, que se apresenta ora carente, ora “feliz”. Notamos que os apelos comerciais, como as propagandas de sapatinhos e roupas, se dirigem às crianças propondo a compra para que estas fiquem mais bonitas, para serem invejadas e mais queridas pelos colegas (Figuras 5,7,8,10,11 e 13). Na mesma proporção, existem apelos comerciais, dirigidos aos adultos, que se utilizam dos “in-fans” como protagonistas de produtos que trazem a idéia de inocência, do bom futuro, das boas escolhas, percebidas, por exemplo, em muitas propagandas de bancos e produtos de limpeza (Ex.: Lysol desinfetante).

¹³ GAGBENIN, 1997, P.181

“Ainda se compreende o gosto pelo pitoresco e pela graça desse pequeno ser, ou um sentimento da infância ‘engraçadinha’, com que nós adultos, nos divertimos para nosso passatempo, assim como nos divertimos com os macacos”¹⁴

Diante de tais pressupostos, seguem as dúvidas: de que linguagem se fala quando pensamos no *in-fans*? Da linguagem dos adultos? Da Escola? Da linguagem Visual? Ou ainda: Qual a concepção de infância que está presente na Educação Física? Qual é a imagem que temos da criança?

Enfim, mesmo com a visibilidade e com uma suposta autonomia conferida à infância, podemos notar que, quando está envolvida nas mais diversas organizações, como família e a escola, a criança participa muito pouco das decisões que são tomadas nestes ambientes. Talvez este seja o significado de infância que faz sentido nos padrões atuais: a formação de um indivíduo que tem a ilusão da liberdade, mas que necessita do adulto e da sociedade, tornando-se um ser dependente dos ditames dos meios de comunicação.

¹⁴ ARIÈS, 1976, P.58

Capítulo III:

O OLHAR SOBRE O CORPO

“Quero romper com o meu corpo,
Quero enfrenta-lo, acusa-lo,
Por abolir minha essência,
Mas ele sequer me escuta
E vai pelo rumo oposto.

Já premido por seu pulso
De inquebrável rigor,
Não sou mais quem dantes era:
Com volúpia dirigida,
Saio a bailar com meu corpo”.
Carlos Drummond de Andrade

Muito além das semelhanças e diferenças corporais de sociedade para sociedade, o corpo humano pode ser considerado uma sede, um lugar de inscrição de experiência, normas e valores construídos por cada povo. Falar do corpo é “abordar o que se passa fora dele”¹⁵, e o inverso disso também deve ser considerado. Como bem expõe Denise Sant’Anna, devemos pensar nas formas de controle sobre o corpo, afastando-nos das polaridades reinantes na Educação Física, tais quais discussões que envolvem o biológico X o humano, a escola X a rua e, no nosso caso, o adulto X a criança.

Seguindo tal perspectiva, o corpo passa a ser considerado como o local em que as sociedades inscrevem, imprimem e tatuam suas peculiaridades, para que se ultrapasse as características biológicas encontradas em todos os homens, fazendo com que se garanta a cada grupo seu sentido único e singular. Tal construção não se estabelece exclusivamente através de classe sociais, ambientes ou idades determinadas. Acontece no espaço e no tempo, fazendo com que a imagem da infância seja concebida como uma construção histórica, fruto das representações culturais, pois

¹⁵ SANT’ANNA, 1995, p. 17.

“Não há sociedade que não fira de alguma forma o corpo de seus membros, cada uma se especializando na produção de determinados tipos de corpos - na produção daqueles corpos que servirão como insígnias da identidade grupal, nos quais a substância biológica trabalhará como matéria sociológica”¹⁶

O corpo, conforme nos é apresentado pelos meios de comunicação, é o centro de um ideal que integra saúde e beleza em um mesmo discurso, levando à homogeneização e à tendência de universalização dos comportamentos, visando a identificação do homem com um novo projeto de felicidade¹⁷.

Segundo Silva¹⁸, a insegurança gerada pelo cotidiano e, conseqüentemente, a desconfiança na realidade faz surgir inúmeros discursos sobre as formas de se comportar e agir em sociedade, facilitando a entrada dos meios de comunicação em nosso dia a dia. Tal ordem gera, por fim, necessidades que são paralelas ao desenvolvimento e à apreciação de mercadorias que, de forma direta, respondem à carência da população.

Em outras palavras, podemos considerar que encontramos materializado um possível ideal de CORPO que passamos a idolatrar. O discurso envolvendo saúde e beleza transformam clínicas de estética, prateleiras de diet e lights e academias em produtos atrativos, pois são promessas de atingir a almejada felicidade. Ou seja, como toda cultura, moldamos os padrões segundo os interesses da nossa economia e valores sociais vigentes neste tempo, pois

“Como produto social que é, a tecnologia tem em vista uma perspectiva de ser humano e de sociedade e, em decorrência disso, o tipo de necessidades a que deve responder; nesse caso, as necessidades de uma ordem econômico-social capitalista e ao tipo de ser humano que está se formando em seu interior”¹⁹.

¹⁶ RODRIGUES, 1987 P. 99

¹⁷ SILVA, 2001, p. 120.

¹⁸ SILVA, 2001, p. 121.

¹⁹ SILVA, 2001, p. 122.

Esta idéia não se restringiu ao mundo adulto, se difundiu com eficiência entre as crianças que também são assíduos consumidores de produtos que aludem à possibilidade de uma infância feliz. Segundo Silva²⁰, os adultos vivem a falta de perspectivas para o futuro, fato que contribui para a insistente “*valorização do presente e na busca pela eternização do corpo atual*”.

Resultado de indefinições frente aos problemas cotidianos, podemos interpretar a afirmação da autora como um alerta sobre aquilo que se entende por infância atualmente²¹. As crianças, no caso, vivenciam o mundo adulto e, com isso, passam a incorporar e repetir aquilo que, para elas, apresenta-se de forma atraente.

Podemos interpretar tal colocação pensando no “in-fans” como aquele que representa a imagem de futuro. Para atingir tal objetivo, devem adquirir o máximo de informações possíveis e, por isso, devem ocupar todo o seu tempo em função de atividades que garantam à elas uma realidade conectada ao ritmo de vida atual, preocupando-se sempre com a saúde e com a “boa forma”.

Conforme podemos perceber em propagandas dos mais diferentes produtos - roupas, fraldas, carros, produtos eletrônicos, produtos gerados pelos bancos (como financiamentos, sistemas de crédito e poupança) – em sua maioria as crianças são protagonistas. Ora com a promessa de um futuro garantido, uma das grandes preocupações dos pais atualmente, ora como seres dotados de extrema inteligência, a publicidade anuncia não apenas produtos, mas “*um modo de vida que é normativo e que tende a se estender pelo mundo*”²². As crianças não são representadas mais como crianças e, por isso, não se vestem mais como tal, pois o ideal é que se comportem como adultos, vestindo-se como eles.

²⁰ SILVA, 2001, p. 120.

²¹ Cabe destacar que em *Corpo, ciência e mercado*, Ana Márcia Silva não cita a Infância ou questões dirigidas ao tema. Contudo, a autora nos ajuda a pensar a organização atual da sociedade a partir de referências sobre a exposição do corpo e as tecnologias que fazem dele um produto atrativo, auxiliando-nos, enfim, a desconstruir o discurso que permeia o “mundo adulto”.

²² SILVA, 2001, p.120.

“Eis o novo corpo, agora ponto fundamental de articulação da produção com o consumo, agora ponto crucial da re-produção do sistema: agora plenamente ‘livre’, estetizado, curtido, ginasticado, medicalizado, indo e vindo. Cada parte do corpo - das unhas (esmalte, lixas e alicates...) aos fios de cabelo (xampus, rinces, secadores...), do estomago (digestivos, restaurantes...) aos órgãos sexuais (talcos, cremes, desodorantes, preservativos...) - se transforma em consumidor especializado”²³

Dessa forma, podemos entender que: *“Numa sociedade em que se atribui às coisas um caráter social que se concretiza com o passar do tempo, os indivíduos acabam sendo induzidos a se relacionar de forma determinada, moldando, inclusive sua motivação (...)”*²⁴ gerando a cristalização das relações sociais.

O “glamour” das roupas agregado à inteligência das crianças fazem delas pequenos adultos. Visualizada nas poses imitando manequins, como também nas mensagens junto às imagens, a perspectiva do sucesso e da possibilidade de ser visto faz dos discursos sobre os comportamentos e gestos fortes indicadores de que as crianças de hoje querem e buscam aquilo que os adultos vêem como status social.

Cabe lembrar que a criança não fala por ela, pois supostamente ela não é munida de linguagem, não tem capacidade de, sozinha, conviver em sociedade. Ela precisa tanto dos adultos como de outras crianças para poder começar a se reconhecer. Como bem diz DAOLIO, *“Nossas identidades são formadas, produzidas e representadas no interior e através da cultura”*.²⁵ Somos resultado do diálogo com a cultura e, neste processo de identificação e formação, a infância não deixa de ser uma idéia, ou uma “imagem”, construída a partir do nosso ideal de sucesso, saúde e beleza.

²³ RODRIGUES, 1987, P.99

²⁴ SILVA, 2001, p. 135.

²⁵ DAOLIO, 1995 P. 2

CAPTURANDO NOVOS CONSUMIDORES.

Como se não bastasse esta supervalorização do corpo e suas conseqüências, aparentemente a nova ideologia social se encarregou de conquistar consumidores (digo aparente por que parece-me apenas ressignificada, maquiada, para atender novas exigências) e, neste momento, não se ignorou o potencial consumidor das crianças. Elas também engrossaram a lista dos grandes consumidores e são agora uma rica fonte de lucro.

O ideal que se difundiu eficientemente no meio adulto passou a ser reproduzido no universo infantil. Além disto, houve uma nítida tendência de ‘envelhecimento’²⁶ das crianças, as quais reproduzem em brincadeiras e atitudes o mundo que elas estão aprendendo a conhecer tanto pela televisão quanto por revistas e Internet. Um exemplo disto é citado por SCHWENGBER:

“As roupas dirigidas a população infantil (especialmente a feminina) carregam, explícita ou implicitamente, as referências corporais de uma mulher adulta. Tamanquinho, botinha, sandalhinha com salto, short-cola, roupas com transparência, cabelos pintados, de preferência com chapinha, cremes, batons, unhas postiças, óculos escuros, brincos grandes, bolsas de diferentes tipos, mochilinha, celulares.”²⁷

Foram criadas novas necessidades para a criança, uma idéia de infância a ser incorporada por este grupo, que se tornou especial sob o ponto de vista mercadológico. A difusão deste novo ideal infantil não acontece de repente, nem em locais específicos. Acontece em todos os lugares, em muitas linguagens e a todo o momento.

“As crianças de hoje, na grande maioria, encontram-se sujeitas a uma exposição maciça desses padrões corporais, considerados como idéias de perfeição e veiculados como linha mestra, nas programações em geral, dos meios de comunicação”²⁸

²⁶ Este envelhecimento veio contrastando a idéia de culto a juventude que impera no meio adulto. Onde se permite inúmeras intervenções para se garantir a beleza jovem, condenando os ‘estragos’ que o tempo causa

²⁷ SCHWENGBER, 2001, P.4

²⁸ SCHWENGBER, 2001, P.3

O principal responsável pela eficiência desta distribuição são os meios de comunicação que dedicam espaço especial para este novo alvo; as crianças. Percebe-se o significativo aumento de produtos especiais, espaços peculiares e programação exclusiva. Que agora se preocupam em transmitir mais do que desenhos animados e histórias, como também idéias e produtos.

Encontramos roupas, sapatos, acessórios que atendem as novas vontades deste público, além de programas televisivos com extenso horário e propagandas vendendo não só os produtos especializados, como também idéia do sucesso e do poder através da aquisição de tal material.

FÁBRICA DE ILUSÕES.

“Cada vez mais integrada ao cotidiano, por intermédio do seu discurso apoiando numa linguagem audiovisual, as mídias nos transmitem informações, alimentam nosso imaginário e constróem uma interpretação do mundo.”²⁹

A humanidade já estabeleceu as mais diversas revoluções, trouxe luzes e máquinas, mas nunca havia presenciado uma mudança (como uma inédita velocidade de informações e novas formas de relações sociais) tão rápida e eficiente trazendo uma possibilidade de acesso às informações até então desconhecidas.

O homem hoje se vê dominado pelo poder massificador e entorpecedor dos sons e imagens, que possibilitou conquistar o tempo, o espaço e os próprios meios naturais. Com o poder de ‘recriar’ a realidade, esta linguagem universal se tornou um forte veículo de sedução e dominação humana.

Caracterizou-se, assim, o atual contexto cultural, movido pela representação não unicamente de objetos concretos, mas de conteúdos carregados de significados, os quais passaram a ser apresentados de inúmeras maneiras, incluindo a fotografia, o cinema, a imprensa, os pôsteres, o rádio, os livros, a internet e a televisão.

O poder alcançado pela mídia atingiu de forma significativa o universo infantil. A linguagem encantadora conquistou a atenção e o interesse das crianças que garantem o íbope e as vendas neste mercado. É fácil perceber que as propagandas e programas só estão tão incisivas na mídia por que elas dão retorno ao sistema, ou seja, os produtos, imagens e idéias destinado as crianças só estão ganhando mais e mais espaço por que este público o consome. Passando horas em frente a tela da televisão a tendência é ficar entorpecido e vidrado, reproduzindo o que é transmitido.

Sendo assim, crianças e adolescentes estão submetidas a uma quantidade de informações infindáveis. Passam mais horas em frente à televisão do que nas escolas, devoram revistas e games e ainda, quando saem às ruas, são bombardeadas pelos conteúdos dos outdoors.

Segundo Bettelheim :

²⁹ BETTI, 2001, p.1

“Muitas crianças, de quatro a seis anos de idade, comunicam-se principalmente em termos de seus programas preferidos e relacionam-se muito melhor com a tela de teve do que com os seus pais. Algumas parecem incapazes de reagir à linguagem simples e direta de seus pais porque esta não parece emocionante como a dicção agradável e o dialeto cheio de vibração dos profissionais da tevê.”³⁰

Com isto, fica evidente a tendência que está tomando a sociedade. Nossas crianças estão vivendo de maneira bastante diferente esta fase, o que de certa forma a torna limitada, já que muitas vezes passando tempo demais como espectadores desconhecem brincadeiras, jogos e outras atividades que extrapolem o exibido na tevê.

Esse fato se torna preocupante quando refletimos acerca dos cidadãos que estamos formando. Cotidianamente percebemos a reprodução do que é transmitido. A assimilação por parte dos pequenos pode torna-los menos críticos, mais passíveis a realidade e muitas vezes limitam seus sonhos a alcances consumistas. Não dizemos aqui que tudo o que é transmitido é prontamente assimilado, e que não se tem nenhuma postura crítica, mas com certeza o que assistem tem influência marcante e considerável em outros momentos.

Entre tantas informações e contradições devemos estar atentos para que a Educação em geral assuma a parte que lhe cabe. Quando digo em geral me refiro tanto à escola quanto aos processos educacionais ocorridos no âmbito familiar e social. Além disto, é urgente propor este diálogo com a Educação. Neste sentido Gutierrez afirma :

“Temos que repensar a Educação do século XXI para fazer dos meios de informação, meios de comunicação e promovermos a formação de cidadãos críticos, de seres pensantes capazes de atuar, modificar e transformar sua própria realidade.”³¹

³⁰ BETTELHEIN, 1985, p.46

³¹ GUTIERREZ, 1978,

Portanto, vendo estes apelos espalhados pela tevê, pelos outdoors e pelas revistas, que garantem sucesso, devemos estar dispostos a questionar esta configuração social que nos traz tantas possibilidades, para que nos posicionarmos de forma atuante, fazendo com que seja possível não ficar cego diante de tanto brilho. Para que, assim, se conjugue o conhecimento humano ao invés de aceita-lo passivamente ou nega-lo.

Capítulo IV:

FORMAS, FÓRMULAS E EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.

“Era uma vez um menino que cultivou uma rosa. E quando a rosa nasceu e sorriu para ele, ele ficou muito contente porque era uma rosa vermelha e muito linda. Só que era uma rosa inútil porque ninguém a via a não ser o menino. Então o menino guardou com muito carinho a rosa vermelha até que um dia ele pudesse mostrá-la pra alguém porque no fundo ele tinha muita esperança de um dia conhecer alguém que também visse a sua rosa. Como ele”.³²

Percebendo que a construção da imagem da infância atualmente se deve muito as informações veiculadas na mídia. Seria complicado pensar no sucesso absoluto do sistema vigente sem a contribuição dos meios de comunicação. A idéia de corpo e de criança é determinado pelo que nossa sociedade necessita. Portanto, a proposta desta etapa do trabalho é abordar esta visão dos valores circulados na mídia e suas influências e conseqüências na Educação Física Escolar.

Segundo Betti:

“A Educação Física escolar, por fim, é entendida como uma disciplina que tem por finalidade introduzir e integrar o aluno na cultura corporal do movimento, visando instrumentalizar e formar o cidadão que possa usufruir, compartilhar, produzir, reproduzir e transformar as formas culturais do exercício da motricidade humana.”³³

³² SOFFREDINI, 1983 P.129

³³Entendemos aqui que a Cultura corporal de movimento seja “aquela parcela da cultura geral que abrange as formas culturais que se vêm historicamente construindo, nos planos material e simbólico, mediante o exercício intencionado da motricidade humana – jogo, esporte, ginástica e práticas de aptidão física, atividades rítmicas/expressivas e dança, lutas/artes marciais, práticas alternativas BETTI, 2001, p.1

Sendo assim, esta disciplina escolar, como todas as outras, deve estar em constante diálogo com o cotidiano dos seus alunos e no processo de formação de sua visão de mundo. Seguindo tal perspectiva, um fenômeno que merece grande relevância é o surgimento e a dimensão alcançada pelo quarto poder: a mídia. Esta ganhou espaço significativo entre crianças e adolescentes, que são seus maiores consumidores.

Trataremos aqui especificamente das imagens vinculadas na mídia e sua relação com a Educação Física e como tem influência de maneira marcante a formação dos conceitos em torno das práticas corporais valorizadas nos nossos dias.

A mídia tem influência incontestável na construção dos novos significados do corpo, nas formas socialmente aceitas e na determinação das práticas de entretenimento e de consumo. Parte integrante deste movimento, o esporte se tornou um espetáculo que foi, em algumas ocasiões modificado (adaptando-se para transmissão, como alteração de regras e tempo) para atender as exigências do mercado, ou melhor para se tornar uma mercadoria mais valorizada. Foi criada uma prática valiosa (em termos financeiros) de espetáculo em torno dos eventos esportivos, transmitindo a proposta do esforço sobre-humano, a disciplina impecável, os rendimentos exorbitantes, o corpo como máquina e a busca desenfreada pela vitória. Falamos aqui do esporte por ser a prática mais explorada pela mídia, por estar em diversos canais.

Neste sentido, as práticas não se tornam importantes por si, mas sim pela sua possibilidade de sucesso conquistado com o espetáculo apresentado. Construindo uma imagem do ideal, do que é perfeito e deve ser reproduzido e valorizado.

Como bem coloca Copolillo:

“Instala-se a lógica de exaltação do ‘corpo’, colocando-o na vitrine como mercadoria valorizada. É notório o grande interesse da mídia que investe suas estratégias de ‘marketing’ no culto ao ‘corpo’, como consequência tornam-se evidentes as imagens de ‘corpo’ pela televisão, nas propagandas, nos telejornais, nas novelas, nos programas infantis, etc., explicitando padrões, hierarquizando valores, reforçando estereótipos e preconceitos.”³⁴

³⁴ COPOLILLO, 2001, p. 2

Tal fato apresenta conseqüências notáveis no processo de construção da cultura corporal na infância, que passa a ter como princípio esta marcante idéia do belo e perfeito, comprometendo a abrangências que pode ser alcançada pela infinidade de possibilidades que extrapolam o entendimento transmitido pela mídia.

Neste caso, não podemos deixar de citar e garantir o destaque da Televisão, que consegue mesclar com precisão e encantamento os sons, as imagens, as palavras e os códigos sociais, proporcionando ritmo e magia ao telespectador.

Portanto, a discussão do efeito destas influências e de propostas pedagógicas que envolvem tal tema se faz urgente. Já que se tornou um problema educacional que assume grandes proporções. Torna-se premente sabermos que não é o caso de negarmos este recente fenômeno: a mídia deve ser utilizada a favor dos propósitos humanos, para que não se torne veículo de alienação e única fonte de informações.

Neste sentido, a Educação tem por função nos preparar para não reproduzirmos o discurso defendido por ela. Por sua vez, a Educação Física como disciplina curricular também deve estar preocupada e disposta a lidar com este fenômeno.

Não podemos negar que é pela mídia que muitas vezes nos damos conta de diversas práticas corporais que compõem esta disciplina, mas é por ela também que limitamos nossa visão, desconsiderando as múltiplas facetas que integram nossa cultura corporal, ignoramos as danças, as lutas e os jogos, ou seja, práticas que não costumam ser veiculadas pela mídia³⁵. Como por exemplo danças folclóricas e jogos regionais que não são transmitidos em competições oficiais (como nas olimpíadas) e que por isto muitas vezes são esquecidos nas aulas.

A Educação Física, assim como toda escola, tem por função ser um espaço de comunicação e reflexão crítica e, por isto, não deve permitir que se transmita conhecimento e conceitos sem questioná-los. Como defende Betti:

³⁵ Cabe realçar que as referências se baseiam em programas transmitidos por canais abertos à população – em especial: Globo, SBT e Record - ou seja, aqueles que mantêm um índice alto de audiência. Dessa forma, entendemos que nem todos os programas apresentam conteúdos de baixa qualidade.

“Se cabe à Educação Física introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento há que se considerar que: i) a integração há de ser do aluno concebido enquanto uma totalidade humana, com suas dimensões físico-motora, afetiva, social e cognitiva, e ii) o consumo de informações e imagens provenientes das mídias faz parte da cultura corporal de movimento contemporânea e, portanto, não pode ser ignorada; pelo contrário, deve ser objeto e meio de educação, visando instrumentalizar o aluno para manter uma relação crítica e criativa com as mídias”³⁶

A preocupação não deve estar voltada para a provável passividade do aluno, por que este tem a capacidade de ler as imagens e formar seus próprios significados, pois *“Diferentes interpretações e reinterpretações emergem da subjetividade e ganham visibilidade na pluralidade que se inscreve no contexto sócio cultural.”*³⁷

Devemos estar alertas para a posição da Educação em se tornar um mediador inquieto deste processo, ou seja, ser sempre um questionador, um meio de proporcionar uma visão mais crítica. Para isto, no caso da Educação Física, precisamos nos propor a uma leitura e interpretação destas imagens e discurso defendidos pelas mídias em relação à cultura corporal e a infância, e a partir daí identificar os códigos e símbolos envolvidos para agir criticamente na sua prática.

Isto não significa que o objetivo se volte exclusivamente para a utilização e exploração direta de programas, comerciais ou de eventos esportivos, este pode ser um recurso, mas ainda mais relevante é a participação efetiva na formação dos conteúdos de forma a não deixar que os elementos da cultura corporal se restrinjam àqueles veiculados e comercializados pela mídia.

³⁶ BETTI, 2001, p.

³⁷ COPOLILLO, 2001, p.1

É urgente que se questione e envolva o aluno nesta preocupação, para que ele não deixe de assistir televisão, ou jogar vídeo games, ou ler suas revistas, mas quando fazê-lo não deixar passar despercebidas mensagens importantes e significativas. Além disto é de responsabilidade da Educação Física escolar explorar mais este mundo carregado de sentidos próprios e de oferecer a mais ampla gama de possibilidades dos conteúdos corporais em nossa e em diversas sociedades, para que se tenha ao menos opção. Apresentando aos alunos diversos conteúdos e visões que possam ir além do que já conhecem daquilo que assistem e incorporam.

A Educação Física não pode estar ausente nesta formatação social que trouxe meios de comunicação tão encantadores, tem uma responsabilidade incontestável e precisa se 'armar' para não se tornar parte excluída ou desvalorizada nos projetos educacionais. Dialogar com as outras instâncias sociais é essencial para seu desenvolvimento e enriquecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

“O problema não é inventar
é ser inventado hora após
hora e nunca ficar pronta
nossa edição convincente”.

Carlos Drummond de Andrade

Este trabalho não pretende ditar caminhos ou apontar soluções. Em primeiro lugar objetivamos uma melhor compreensão da infância atual, de suas implicações e imagens. Em seguida, estamos preocupados em constatar alguns fatos relacionados à realidade infantil, discutir com as imagens observadas para que assim seja possível se modificar o olhar e talvez expandir os horizontes da educação e da Educação Física. Não julgamos estas limitadas ou incompletas, por que não temos este poder, mas estamos aqui pensando na possibilidade de ser ainda enriquecida.

Vivemos em uma sociedade que encara a infância como aquela fase repleta de uma felicidade intocável, onde por não haver preocupações adultas, como empregos, relacionamentos e dinheiro, enfim sem responsabilidades pode se ter garantida a alegria e a satisfação. Pensamos no universo infantil como a possibilidade de nossa realização pessoal, como um tempo para refazer o que gostaríamos que fosse diferente, para investir nos sonhos que não realizamos. Falamos da inocência, e da alegria que estão nas brincadeiras e muitas vezes lamentamos a passagem da nossa infância por só lembramos dos bons momentos além de tudo isto muitas vezes negamos e impomos atitudes para formação de bons cidadãos e de adultos felizes. Até que ponto isto é uma contradição? Qual o limite de nossas imposições?

Neste sentido estamos lidando com uma infância que tem novas possibilidades até então desconhecidas e em alguns momentos nos perdemos nestas novidades, não sabendo como nos posicionar para garantir uma formação completa. A educação também tem esta preocupação, porém o que se esquece as vezes é de se trabalhar com o ser humano por inteiro e aí me pergunto:

Por que os enamorados e os poetas insistem em admirar a lua, se ela para a escola é apenas um satélite a ser estudado cientificamente? Se as flores são apenas junção de pétalas por que significam tanto quando dadas de presente? A Educação Física, muitas vezes também não está lidando com os alunos não levando em consideração sua realidade? Esquecendo das diversas influências que estes estão sujeitos?

Estas questões ainda me atropelam, já que pensamos na educação como sendo um processo que deve se preocupar com um aluno vivo, criativo e inquieto, com as diversas visões do mesmo ponto. No mundo atual repleto de tantas novidades e provocações à escola também deve ser um espaço para trabalhar com os indivíduos por inteiro, não subestima-los, ser uma ambiente instigante e surpreendente. Não acreditamos que este seja um referencial inalcançável, uma idéia utópica. Porque senão, não investiríamos neste trabalho. Sendo assim,

“Chegamos ao final e, com ele, a certeza de que o assunto não se esgotaria numa obra. Nem em mil. Não tivemos a pretensão de responder questões que merecem uma constante revisão crítica. Identificamos a fronteira ideológica entre o ‘abrir’ e ‘fazer’ cabeças. O humanismo que a educação Física está a exigir precisa do dialogo, do debate, do confronto de idéias. Enfim, uma atitude dialética em relação aos seus problemas. É animador, entretanto, termos a satisfação e a esperança de que, nessa longa caminhada, tenhamos dado os primeiros passos.”³⁸

Neste sentido o que tentamos aqui foi tratar de uma possibilidade para questionar a rotina pedagógica e pensar em um colaboração para educação e seus caminhos. Esta pequena contribuição que se fez mais em um alerta, vem para provocar, incentivar discussões em torno do tema Educação Física e as influencias da mídia para pensarmos nas contribuições que podemos fazer.

³⁸ OLIVERA, 1983 P.106

Lista de figuras:

Figura 1:

www.jacobblue.cjb.net

Figura 2:

Site desconhecido

Figura 3

www.google.com.br/search?q=fotos+sebastiao++salgado

Figura 4

www.jacobblue.cjb.net

Figura 5

www.lilicaripilica.com.br

Figura 6

www.google.com.br/search?q=fotos+sebastiao++salgado

Figura 7

www.lilicaripilica.com.br

Figura 8

www.lilicaripilica.com.br

Figura 9

www.google.com.br/search?q=fotos+sebastiao++salgado

Figura 10

www.lilicaripilica.com.br

Figura 11

www.lilicaripilica.com.br

Figura 12:

www.google.com.br/search?q=fotos+sebastiao++salgado

Figura 13:

www.lilicaripilica.com.br

Bibliografia:

- Andrade, C. D. – Novos poemas – Rio de Janeiro: Record, 1984.
- Antologia, O mito da infância feliz – São Paulo: Summus, 1983.
- Ariès, P. – História social da criança e da família – Paris: JC editora, 1975.
- Bettelheim, B. – O coração informado – Rio de Janeiro: Paz e terra, 1985.
- Betti, M. – Imagem e ação: a televisão e a educação física escolar (resultados iniciais) – Anais XII Conbrace –Caxambu- 2001
- Charlot, B. – A mistificação pedagógica, realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação – Paris: Zahar editores, 1976.
- Copolillo, M.Q. – O espaço escolar, a mídia televisiva e o 'corpo': um dialogo marcado pelas complexidades dos cotidianos da vida. Anais XII Conbrace – Caxambu- 2001
- Daolio, J. – Da cultura do corpo – Campinas: Papyrus, 1995.
- Freire, J.B. – Educação de corpo inteiro – São Paulo: Editora Scipione, 2002.
- Gagenbin, J.M.- Sete aulas sobre linguagem, memória e história – Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997.
- Gutierrez, F. – Linguagem total, uma pedagogia dos meios de comunicação - São Paulo: Summus, 1978.
- Meireles, C. – Poesias completas de Cecília Meireles – Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1979.
- Oliveira, V.M. – O que é educação Física? – São Paulo: Brasiliense, 1983.
- Rodrigues, J. C. – O corpo liberado? – In: Strozenberg (org) De corpo e alma: Comunicação contemporânea, 1987
- Sant`anna, D. B. (org.) – Políticas do corpo, elementos para uma história das práticas corporais – São Paulo: Estação Liberdade, 1995.
- Savater, F. – O valor de educar – São Paulo: Martins fontes, 2000.
- Schwenger, M. V. – Imagens de corpo impostas à infância nas pedagogias culturais em circulação. Anais XII Conbrace –Caxambu- 2001
- Silva, A.M. - Corpo, ciência e mercado: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo da felicidade – Campinas/Florianópolis: Autores Associados/EDUSC, 2001.
- Vanconcelos, J.M – O meu pé de laranja Lima – São Paulo: Melhoramentos, 1920.

Sites da internet:

- www.lilicaripilica.com.br.
- www.enfants_des_rues.com
- [www.geocities.com\athens\agora](http://www.geocities.com/athens/agora)
- www.unicef.brazil
- [www.geocities.com\eureka\promenade](http://www.geocities.com/eureka/promenade)
- www.google.com.br/search?q=fotos+sebastiao++salgado